



AMANACY

Desolada, sentada à beira de uma estrada, ela olha para o nada, e vê todo seu passado, pensa no porquê de sua existência, e pede para morrer.

Ela é uma índia, nascida e criada na tribo Kaiwa na cidade de Dourados-MS. Tem apenas 16 anos, mas sua experiência de vida já é bem extensa e dolorosa. Desde os 9 anos, Amanacy era estuprada pelo próprio pai. Sua mãe gastava todo o dinheiro que recebiam do governo com bebida alcoólica, dizia que era para amenizar a dor que sentia por não poder fazer nada pela filha. O pai tão pouco se importava com a menina, que tinha que sobreviver na pobreza em que viviam, comprando pouco para comer.

Aos 14 anos, seu grande amigo, Erval, decidiu que não queria mais ver Amanacy sofrendo daquele jeito. Ela confessava a ele todos os males que os pais faziam, e o coração de Erval não pode mais suportar, embora não a quisesse como sua esposa, ele decidiu sacrificar essa parte de sua vida, e pediu autorização ao pai de Amanacy para se casarem. Não era a melhor opção para a pequena índia, mas era a única.

Após o casamento, Amanacy e Erval passaram a viver como um casal, e criaram ainda mais carinho um pelo outro durante a convivência, porém não tinham um objetivo em comum para suas vidas.

Amanacy rapidamente engravidou, passou então a ter sentido sua vida, agora ela tinha uma esperança, uma razão para viver. Decidiu que aquela criança teria toda a sua dedicação, seu amor, seu carinho. Depois de nove meses de cuidado, de mudanças no próprio corpo, da indiferença do marido, nasceu Atiara, nome dado pela mãe que significa “um fio de luz”.

Aquela menina não era apenas um fio de luz, mas uma estrela que brilhava na vida de Amanacy, que lhe trouxe toda a alegria que o universo pode conceber. Atiara crescia, começava a engatinhar, fazia gracinhas, e ria para a mãe.

Porém, Atiara era filha de pais extremamente pobres, que não podiam lhe dar o sustento necessário, que passavam fome. Erval plantava, porém colhia pouco e o que arrecadavam não dava pra sobreviver. A pobreza era geral, e a fome também. Muitos índios subnutridos, e parecia que ninguém se importava.

Atiara também estava subnutrida, com o tempo a menina foi ficando fraca, parando de sorrir, de engatinhar, de tentar andar. Amanacy, desesperada, não sabia o que fazer pela filha. Ia para a cidade, pedia ajuda, implorava por comida, tentava vender os produtos que conseguia: milho, mandioca. Mas o que conseguia era pouco, ela não conseguia salvar seu raio de luz.

Num dia, Atiara estava muito debilitada. Já nem queria mais comer, e nem os chás de ervas queria tomar. Amanacy, imediatamente, levou-a ao hospital. Sua pequena estava saindo de seus braços. Naquele lugar frio, onde pelo menos tinham o que comer, Amanacy não suportava a dor de ver sua filha no leito daquele hospital. Essa sua angústia durou poucos dias, após uma semana Atiara morreu.

Atiara levou consigo toda a alegria que poderia existir na alma da mãe. Levou a esperança, levou todo o amor.

É por isso que hoje, Amanacy é aquela índia, que triste, suja por dentro e por fora, não quer mais saber de viver, e que continua à beira da estrada, fitando o nada.

Denise Ferreira Chimirri
28.05.2007